

COMUNICAÇÃO
MIGRAÇÃO E PANDEMIA: REDES EM DEFESA DA VIDA!

DOI: 10.57147/espacos.v30i2.874

Idalina Pellegrini*

Introdução

O presente trabalho é uma narrativa da experiência no atendimento a migrantes e refugiados da Pastoral dos Migrantes na Arquidiocese de Fortaleza no período de abril de 2020 a dezembro de 2021. As pessoas beneficiadas pela Pastoral do Migrante foram os migrantes e refugiados, particularmente estrangeiros, mas não só. A Pastoral contou com a colaboração de órgãos públicos do município de Fortaleza, organizações civis, outras congregações, associação de migrantes, voluntários de Pastoral do migrante, instituições e pessoas sensibilizadas com o sofrimento de migrantes e refugiados. Essas pessoas com sua generosa e dinâmica atuação colaboraram no acolhimento, arrecadaram as doações, roupas, moradias, escolas para crianças, encaminhar para empregos, instituições de saúde, seja ela clínica, psicológica e ou psiquiátrica (Mt 25, 35ss).

Pode-se dizer que foi e continua sendo uma força tarefa em benefício das pessoas mais vulneráveis. Essa dinâmica de trabalho formou uma unidade na diversidade de dons, possibilidades, recursos humanos e econômicos, convergindo para uma Igreja em saída, indo ao encontro de quem mais precisa. Este é o pensamento de Papa Francisco, como foi de São Carlos Borromeo (1538-1584) que no início da Idade Média socorreu e ajudou intensamente a socorrer as vítimas da peste que assolou a Europa toda. Scalabrini, por sua vez, não viveu num contexto de pobreza e pestes em seu tempo (1839-1905). Somado a esse contexto havia a realidade única e sofrida da emigração italiana para o Sul e Norte das Américas. A bem-aventurada Assunta Marchetti e seu irmão Padre José Marchetti, inseridos na realidade brasileira (1895ss), doaram sem reservas para socorrer as vítimas da febre do tifo que ceifou a vida de

* Missionária Scalabriniana, pós-graduada (especialista) em Teologia Pastoral e Mobilidade Humana pelo ITESP.

milhares de pessoas, sobretudo migrantes. E, por último, uns parágrafos alusivos ao Papa Francisco e sua opção fundamental pelos marginalizados de todo o mundo.

1. Contexto da realidade dos migrantes durante a pandemia

O Brasil identificou a primeira contaminação pela Covid-19 no final de fevereiro de 2020, enquanto a Europa já registrava centenas de casos. A declaração de transmissão comunitária no país veio em março. Estudos foram avançando para a imunização da população. Vários estados decretaram toque de recolher para tentar conter o avanço da doença. Em Fortaleza as ruas ficaram vazias, as pessoas com medo, fecharam-se dentro de suas casas. Só serviços essenciais eram permitidos.

A pandemia paralisou pessoas, educação, trabalhos, negócios e investimentos. Paralisou igualmente um número considerável de migrantes em todo mundo, sobretudo nas fronteiras. Estudiosos da América Latina e Caribe, falam desse fenômeno denominando-o de: “imobilidade forçada”, “fronteiras engessadas” ou “fronteiras congeladas”. Numerosos grupos de migrantes viram-se encurralados improvisadamente nos espaços fronteiriços entre dois ou mais países: sem possibilidades de avançar e sem condições de retornar. Desnecessário assinalar as condições extremamente precárias de tais acampamentos, alguns deles inclusive militarizados.

A realidade política, econômica e social, que já não era favorável às pessoas em situação vulnerável como migrantes e refugiados, tornou-se ainda mais fragilizada. Com o decreto de fechamento de comércio, setor hoteleiro e outros, o “ficar em casa” não significava uma medida de segurança, para quem vive de “bico” ou de diárias. E como garantir a segurança alimentar, pagamento de aluguel, água, luz? Como criar uma rede de apoio a mães grávidas?

A contaminação com o vírus da Covid-19, foi se alastrando cada vez mais na cidade de Fortaleza e interior do estado, no Brasil e no mundo. O isolamento social obrigou as pessoas a ficarem em suas casas sem poder trabalhar, exceto os profissionais da saúde, muitos destes migrantes expostos ao contágio, no compromisso de cuidar das pessoas infectadas: *“Estou trabalhando na UTI, ainda não fiz a vacina, o medo é grande do contágio, mas eu preciso trabalhar.”* E.S da Guine Bissau no trabalho de

limpeza. Foi necessário se adaptar ao contexto da pandemia. O atendimento que antes era na maior parte presencial ficou sendo feito pelas redes sociais, com exceção das doações que se fazia chegar em cada comunidade onde os migrantes residiam. A escuta da realidade dos migrantes ficou sendo mediada através das associações ou dos grupos familiares. Foi como um “abrir as cortinas”, para ver e olhar a realidade que já estava fragilizada e vulnerável, não apenas para os migrantes e refugiados, mas para outros grupos excluídos: pescadores, recicladores, indígenas, quilombolas, idosos e crianças das grandes periferias. A falta de políticas públicas municipais e estaduais ocasionou o atraso dos atendimentos aos migrantes necessitados, tendo-se que resolver, de improviso, muitas coisas para não correr o risco de não acontecerem.

1.1. Construindo políticas públicas para os migrantes e refugiados.

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Scalabrinianas, iniciou a Pastoral dos migrantes no Estado do Ceará¹ em 1995. Fomos a primeira instituição religiosa que iniciou o atendimento aos migrantes internacionais no ano de 2009 com estudantes de países africanos e pessoas vítimas do tráfico de drogas, as “mulas do tráfico”. Com as ações de incidência da Pastoral dos Migrantes, o Estado criou o Programa Estadual de Atenção ao Migrante, Refugiado e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, onde nos articulamos com as demandas nas diversas situações dos migrantes e refugiados. Desta forma, ajudamos muitas vezes a própria Secretaria de Educação, que nos solicitou dados de crianças já registradas. Houve assim uma mútua colaboração entre a Pastoral dos Migrantes e o poder público, pois como a Pastoral do Migrantes acolhe as famílias, já cadastrava e atualizava seus dados. A Secretaria de Educação não tinha esses acessos, pois as famílias vinham diretamente à sede da Pastoral do Migrante, trazidas por outros migrantes.

Inicialmente o próprio poder público estava alheio a essa realidade. As escolas exigiam a tradução da documentação. Somente a partir de vários diálogos nas escolas onde as crianças estavam sendo inseridas, a Secretaria de Educação criou um processo

¹ A presença Scalabriniana em Fortaleza se deu a convite do Arcebispo Dom Aluísio Lorcheider. Após conhecer Ir. Rosita Milesi, fez o convite à Congregação e dizia que, embora tivesse muitas congregações, nenhuma tinha o carisma com os migrantes.

mais simples para a inserção e acolhida das crianças nas escolas municipais e estaduais. Iniciamos esse diálogo com as vereadoras da Mandata Nossa Cara do PSol (mandato coletivo de 3 jovens), com a finalidade de criar um processo de políticas públicas de acolhimento no município.

Através da articulação com a Rede de acolhimento da sociedade civil e muito diálogo, foram realizadas reuniões com lideranças do Governo na Câmara Municipal, Gardel Rolin. Ao Secretário da SDHDS² Cláudio Pinho, apresentamos propostas de acolhida, proteção e inserção de migrantes e refugiados no município, dando assim visibilidade ao tema da migração e refúgio. O tema foi bem visto pelas lideranças municipais, a ponto de termos solicitado uma audiência pública para a escuta das demandas dos migrantes através das Associações dos migrantes e de Atendimento da Sociedade Civil.

1.2. As ações da REDE de acolhimento da sociedade civil

A migração internacional no estado do Ceará, especificamente em Fortaleza, cresceu vertiginosamente no ano de 2009 e seguintes e se intensificou com a migração de venezuelanos a partir do ano de 2018, conforme dados da Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Fortaleza. Os motivos são diversos como: trabalho, estudos, solicitação de refúgio e outros. Esta realidade motivou a criação do coletivo denominado Rede de Atuação com Migrantes e Refugiados, constituído por organizações da sociedade civil, entre elas: Pastoral dos Migrantes, Cáritas, Serviço Jesuíta, Irmãs da Caridade, Irmãs Scalabrinianas, Ordem dos Frades Menores, Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus, Associação dos Estudantes da Guiné Bissau no Estado do Ceará, entre outros, entidades estas que dinamizaram ações em defesa dos direitos humanos dos migrantes e refugiados na capital Fortaleza e em todo o estado do Ceará. .

Neste contexto, faz-se necessário o engajamento de diferentes setores da sociedade com interlocução do Estado e município de Fortaleza e municípios vizinhos à capital no enfrentamento dessa realidade. A Rede fez os seguintes encaminhamentos à SDHDS.

² Secretaria de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social.

- Criação de banco de dados em conjunto para mapeamento do perfil de migrantes residentes em Fortaleza e realização de censo sobre o tema com discussão metodológica com a sociedade civil.

- Criação de recursos financeiros, para subsidiar as despesas da Casa de acolhimento a migrantes até a criação de equipamentos públicos que realizem essa ação. A casa está localizada na Rua Tenente Marques 131, Bairro Presidente Kenedy, para vinte e cinco pessoas e tem gastos com alimentação, água, luz, recursos humanos, material de limpeza e higiene e custo fixo atual: R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) mensais.

- Construir plano de formação conjunta com representantes das secretarias do município sobre a realidade migratória, fluxos e tipos de atendimentos para as equipes de atendimento das principais políticas públicas.

- Criação de comitê interinstitucional municipal e convocar reuniões públicas com representações de secretarias e organizações da sociedade civil atuantes e interessadas no assunto migrações e refúgio com a participação de migrantes para discutir o tema.

- Apoio ao Projeto de lei municipal para incluir o Dia Municipal do Migrante e do Refugiado a ser comemorado anualmente no dia 25 de junho e colaboração na construção da semana do migrante.

- Articulação com as políticas de emprego e renda para inclusão de pessoas migrantes nas oportunidades, especialmente em feiras.

- Articulação com as políticas públicas de educação para acompanhamento pedagógico de crianças e adolescentes migrantes.

- Desenvolvimento de campanha contra o tráfico de pessoas e trabalho análogo à escravidão.

- À Secretaria de Saúde foi enviada a solicitação de naturalização dos profissionais da saúde migrantes que atuaram e atuam no enfrentamento da pandemia. Além disso colocou-se em pauta a discussão dos fluxos de atendimentos para pessoas migrantes em Fortaleza. Estas solicitações serão retomadas na Audiência pública que já foi protocolada.

1.3. Solicitação ao poder público

Foi organizado um grupo de trabalho com agentes da pastoral dos migrantes, da associação da Guiné Bissau e Senegal a fim de conhecer as necessidades mais urgentes. Com os migrantes de Senegal iniciamos um diálogo por motivo da prova de proficiência em 2019, esse motivo nos aproximou a esta nacionalidade. São cem Senegaleses no Ceará em trabalho informal na venda de mercadorias. A associação Guineense, o maior grupo, sendo a maioria estudantes, já há mais de dez anos colabora nas ações com a pastoral no atendimento aos migrantes. O grupo de trabalho organizou um cadastro para conhecer a realidade dos migrantes e com o resultado, elaborou um documento que enviou ao governador do Estado do Ceará, Camilo Sobreira de Santana, e ao prefeito do Município, com o objetivo de solicitar atenção aos migrantes e refugiados.

O Governo adotou medidas para mitigar o efeito da pandemia na economia, como linhas de crédito para empresas, e criou o auxílio emergencial, direcionado à população mais vulnerável. Através das redes sociais foi possível ajudar os migrantes a se cadastrar a fim de receber o auxílio emergencial. Este trabalho foi possível com o apoio do Programa do Migrante do estado. A equipe no atendimento à distância dava as orientações necessárias para que se fizesse o cadastro. Foi possível encontrar caminhos para solicitar o CPF dos migrantes que ainda não o tinham, a fim de fazer o cadastro.

1.4. A solidariedade pelo cuidado com a vida

No início da pandemia houve muita sensibilidade de grupos, instituições e universidades para a campanha de cestas básicas. Foi iniciado um movimento com reuniões semanais de forma virtual com a participação de setenta instituições da sociedade civil, com a finalidade de planejar ações para o cuidado, informações, orientações e campanhas em favor dos grupos mais vulneráveis. Muitas doações foram recebidas. Destaco a doação do MST (Movimento Sem Terra) que fez doação de produtos orgânicos vindos dos assentamentos do interior do Estado do Ceará. Recebemos mil litros de leite *in natura*; foi o primeiro leite inaugurando a cooperativa própria dos assentamentos e que optaram em doar e se solidarizar com as famílias da cidade. Foram recebidas também cem cestas de vinte quilos cada uma de produtos como: banana, coco, farinha, macaxeira, frutas, feijão. Esta doação do MST se estendeu

e atendeu várias comunidades da cidade e indígenas. Recebemos máscaras de algodão confeccionadas por um coletivo de geração de renda LGBT. Quando eram muitas as doações, dividíamos com outros grupos que estavam em situação de vulnerabilidade, como as vinte famílias de artistas de circo que estavam em Fortaleza.

1.5. Visitando para conhecer as moradias dos migrantes

A meta era visitar os migrantes que ainda não tinham sido visitados em suas moradias antes da pandemia. Com a chegada da pandemia, a Pastoral do Migrante, irmãs e voluntários, passaram de casa em casa, para a entrega as cestas básicas. Foi possível conhecer os grupos familiares de países africanos que moram em pequenas comunidades ou próximos a elas, facilitando assim a entreatura quando necessário. Os migrantes de países latinos, como os venezuelanos, têm outra forma de se relacionar, sendo que sua realidade é bem diferente, e também o motivo da migração. As famílias vindas da Venezuela que aqui chegam, compostas de mulheres com dois ou três filhos, fazendo o papel de pai e mãe e na maioria das vezes fazem o possível e o impossível para trazer o restante da família que ainda permanece lá à espera de ajuda para poder atravessar a fronteira com o Brasil, para assim poder se agrupar novamente ao seu núcleo familiar.

Diante de tantas solicitações básicas, sobretudo de alimentação, nos organizamos em núcleos para a entrega nas casas onde moram os migrantes. Frei Elias e comunidade dos Frades Franciscanos, na Igreja Nossa Senhora das Dores, faziam a entrega no Bairro Otávio Bonfim, Benfica e Antonio Bezerra, ao lado do terminal da Mister Hull. Irmã Idalina e Macaio atendiam os bairros mais distantes em relação ao centro da cidade: Meireles, Pirambú, Barra do Ceará, Caucaia, Autram Nunes, Bela Vista, Rodolfo Teófilo, Damas, Montese, Parque Araxá, Parquelândia.

Nas ruas quase desertas, havia a presença das pessoas que ainda não eram assistidas e que se arriscavam em sair de casa, para conseguir recursos ao menos para compras dos alimentos básicos. Nesse grupo estavam os recicladores de papéis, artistas, e outros grupos empobrecidos, muitos deles também migrantes e refugiados. A Pastoral

do Migrante, vendo a necessidade, na medida do possível também partilhava alimentos e outros itens de necessidades básicas, dentro do possível.

Foram três entregas de cestas básicas em Acarape e Redenção para os Estudantes internacionais da UNILAB- Universidade Luzo Afro Brasileira. Anastácia fez uma lista de oitenta e cinco estudantes dos seguintes países: Guiné Bissau, Cabo Verde, Angola, São Tomé Príncipe e Moçambique. Com o fechamento da universidade e o restaurante onde faziam as refeições, a situação dos estudantes teve um impacto negativo desastroso, e os estudantes tiveram desafios ainda maiores para se manter no Brasil e continuar seus estudos. Padre Francisco da Paróquia de Redenção também buscou ajudar no atendimento aos estudantes que chegaram no início da pandemia no ano de 2020.

1.6. Presos assistidos

Com a pandemia os processos de migrantes presos foram acompanhados via *WhatsApp* com a Defensoria Pública que também sentiu o desafio aumentar. A Assistência Social do presídio fazia contato para solicitar abrigo aos que passavam a responder a pena em liberdade assistida. E onde encontrar abrigo, dar segurança para quem não tem ninguém conhecido nesta cidade? Os motivos da detenção, na maioria dos casos são: “mulas do tráfico de drogas”, documentos falsos e vítimas de quadrilhas criminosas. Era preciso fazer a busca incansável pelas comunidades católicas até encontrar quem aceitasse acolher e acompanhar. O CEU- Centro Espiritual Uirapuru na Avenida Alberto Craveiro, 2222, comunidade Novos Horizontes, acolheu um migrante tailandês, com apenas 31 anos e pai de quatro filhos, que responde processo. Embora ele fale razoavelmente bem o idioma brasileiro, foi preciso usar o tradutor para melhor ser atendido. A referida comunidade também acolheu um jovem haitiano e outro venezuelano, ambos cumprindo pena judicial. A comunidade tem uma marcenaria, trabalho e oração para a recuperação de mais dez homens em processo de ressocialização.

A Obra *Lumen*, que se dedica ao acolhimento de moradores em situação de rua acolheu uma mulher, de Cabo Verde, mãe de dois filhos também vítima do chamado “mula do tráfico de drogas”. Sem dúvidas, este é um lugar acolhedor e de convivência

humanizadora. Com a visita proibida nos presídios, ficou o desafio de dar continuidade ao acompanhamento das outras mulheres migrantes presas, que ainda estão à espera do andamento do processo. Nosso trabalho era fazer a ponte para a comunicação entre DPU, Pastoral Carcerária e os migrantes que passavam a ter liberdade assistida e as que permaneciam no presídio:

Agradeço a Deus por ter conhecido vocês na minha vida e por tudo o que a gente passou junto. Sempre lembro de vocês e oro por vocês. Não mandei notícias antes, pois não tinha como enviar. Através das irmãs consegui me comunicar com vocês. Estou bem na comunidade da Obra Lumen da Igreja Católica, falo com meus familiares de Cabo Verde e meus filhos todos os finais de semana. Espero que fique tudo bem com vocês e quando saírem poder nos encontrar. Amo vocês. (Carta de S.S. às presas no Auri de Moura, enviada por e-mail carta.ipf@sap.ce.gov.br). “Tô muito feliz por você mandar carta para mim... tô bem, ou fiz o criminológico. Nós estamos muito bem. Não faça mais besteira para não voltar. Te amo (Resposta de P.J.).

1.7. As condições de trabalho

Com a flexibilização das leis trabalhistas antes da pandemia já se acompanhavam casos em que as condições de trabalho eram de exploração dos trabalhadores. A precarização do trabalho se intensificou ainda mais com a pandemia. Ainda há quem diga dos migrantes: “*ele não tem nada mesmo, qualquer coisa serve para ele*”. Com isso em algumas situações o pagamento injusto do trabalho, faz com que os próprios migrantes fiquem indignados com a exploração do seu trabalho: nos dias que antecedem o Natal, o pai de uma família com quatro filhos, que esperava o nascimento de mais um bebê, ligou dizendo:

Estou preocupado com a situação da minha família, trabalho como ajudante e carregador de frutas e verduras, com um senhor na CEASA, no horário das 9 da noite até as 10 da manhã. Ele me disse que o pagamento seria de 150 reais a cada 15 dias. Minha esposa está para dar à luz a um filho e o aluguel que preciso pagar é de 400 reais (C.A. em Maracanaú).

É bem visível o preconceito e a exploração de pessoas que são de outro país, falam outra língua, são de outra etnia. Embora a lei garanta que todos somos iguais e temos os mesmos direitos, ainda há um longo caminho para chegarmos a ser uma sociedade igualitária que respeita os direitos humanos.

Os hospitais ficaram superlotados, a vacina demorou para chegar e as equipes de saúde ficaram exaustas, expostas à contaminação. No relato do enfermeiro vemos o limite humano e a injustiça no grito de socorro e de humanidade:

Eu era da equipe de frente no atendimento na emergência de Covid-19. Não tínhamos condições nem proteção para o atendimento, eu não estava ainda vacinado. Fui infectado e precisei me retirar do trabalho hospitalar. Passei muito mal em casa, meu filho de 14 anos me acompanhava, fiquei muito fraco. Solicitando melhores condições de trabalho, para a nossa proteção. Em seguida recebi a carta de demissão. Como sou de cooperativa, saí após 11 anos de trabalho sem nenhum direito” (Enfermeiro, migrante da Guiné Bissau).

Uma das formas utilizadas pelos empregadores nos trabalhos em residências particulares, para se isentar dos encargos sociais é o cadastro do MEI – Microempreendedor Individual. No caso da enfermeira que foi solicitada a permanecer durante 24hs do dia na residência prestando cuidados a uma pessoa doente:

Me pediram para fazer o cadastro como MEI, para atender uma pessoa com necessidades especiais. O senhor quer que eu permaneça na casa por 15 dias, durante todo o dia e noite, sendo que ele viaja e eu fico na casa atendendo sua esposa. Sou Enfermeira, com mestrado, com 15 anos de experiência no cuidado de pessoas idosas. Minha proposta é de atender com o valor por diária, de outra forma não tenho condições de aceitar este trabalho (L.A. Venezuelana).

No setor hoteleiro a valorização do trabalho nem sempre corresponde ao esforço físico, nem ao tempo dedicado. No caso abaixo citado o resultante não compensava o trabalho de um mês:

Era muito pesado, trabalhava horas a mais, eu entrava 11h30 da manhã e saía 12 horas da noite. Três (3) horas a mais ... Mas eu não reclamava porque estou precisando. Mas se formos fazer a conta para que não acharem que sou inocente! Eu voltava depois da meia noite, não tinha transporte e precisava pagar taxi para chegar em casa. Eu pegava 30,00 reais, se você multiplicar por 30 dias é igual a 900 reais. Os 3,60 centavos, do vale transporte que recebia, corresponde a 108,00 reais. O total gasto por mês corresponderia 1108 reais por mês. Um mês trabalhado com o salário de 1.350,00 reais líquido menos 1.008,00 reais o resto é 342,00 reais” (O.L. migrante da Guiné Bissau).

Em síntese, aqui se efetivou com gestos e ações, embora pequenas e limitadas, o que nos proclama o Evangelista Mateus (Mt 25, 35) e que a Igreja sempre denominou de “As sete obras de misericórdia corporais”: dar de comer a quem tem fome; dar de

beber a quem tem sede; vestir os nus; dar pousada aos peregrinos, visitar os enfermos, visitar os presos(as) e enterrar os mortos. No contexto de Fortaleza, na dura realidade de uma cruel e incógnita pandemia, a Pastoral do Migrante criou unidade em favor da causa maior, da riqueza maior que temos, que é a vida humana.

2. Atuação da Igreja local como REDE de acolhimento

2.1. Campanha de sensibilização

A Campanha “Eles e elas precisam de sua ajuda para se proteger”, foi uma iniciativa coletiva das pastorais sociais para o atendimento dos grupos em vulnerabilidade: migrantes e refugiados, pescadores, indígenas, catadores de papel, familiares de pessoas encarceradas. Esta campanha nas redes sociais garantiu cestas básicas e emergências em aluguéis. Por ter surtido efeito, a campanha ainda está ativa.

O Prêmio Frei Tito de Alencar dos Direitos Humanos foi conferido a nossa Arquidiocese pela Campanha de solidariedade "Eles e elas precisam de nós para se proteger", através da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Grato às Pastorais Sociais, Ceb's, Organismos, Caritas Arquidiocesana, Centro de Defesa dos Direitos Humanos e ao nosso Arcebispo D. José Antonio pelo total apoio a esse gesto de solidariedade de nossa Igreja” (Pe. José Élio Freitas Correia – Diretor do CDPDH da Arquidiocese).

2.2. Migrantes e refugiados acolhidos na casa Maria Mãe dos Migrantes³

A solicitação de abrigo se intensificou no ano de 2018, com a chegada de refugiados venezuelanos. Com a dificuldade de lares para abrigar os migrantes, iniciamos um diálogo com a Arquidiocese de Fortaleza, especificamente com o Arcebispo de Fortaleza Dom José Antônio Aparecido Tosi Marques, para aquisição de uma casa de acolhimento para os migrantes. Vale ressaltar que existem abrigos públicos, porém, acolhem moradores em situação de rua que, além de não contar com vagas disponíveis, não são adequados para os migrantes cujo perfil é outro. Com a

³ A casa é uma parceria com a Associação São Francisco de Assis e o Serviço Pastoral dos Migrantes e voluntariado de pessoas que colaboram. A casa acolhe migrantes em situação de rua com apoio de 3 meses.

busca de espaços para acolhimento temporários criou-se uma rede de acolhimento com apoio nas casas de congregações religiosas masculinas e femininas.

Foram muitas as reuniões e diálogos para encontrar espaços para o acolhimento de migrantes necessitados. Lamentavelmente a maioria dos párocos e das congregações religiosas diziam não ter disponibilidade para o projeto de acolhimento. Durante a pandemia da Covid-19, as igrejas de todas as religiões ficaram fechadas e a fila de necessitados de abrigo aumentava assustadoramente. Houve, inclusive, um grande número de migrantes em situação de rua. Famílias inteiras chegavam mostrando-se carentes de todas as necessidades básicas. Sem perder a esperança e acreditando sempre na solidariedade testemunhada pelo Evangelho, continuamos a buscar espaços de acolhimento batendo às portas das casas das Congregações religiosas. Colaboraram durante um ano três Congregações e duas novas comunidades no acolhimento a 47 migrantes, dos quais 18 menores. No Centro POP, equipamento da prefeitura, que acolhe pessoas em situação de rua, dificilmente encontrávamos algum espaço para alojamento de migrantes e refugiados, pois a palavra de ordem é sempre “não temos vagas” e o migrante tem um perfil diferente.

A mensagem do Evangelho Mt 25, 35, quando chega efetivamente à concretude da ação e a encher corações em forma de amor-compaixão, torna o mundo mais humano. Nas palavras destes migrantes (relatados em sequência) nota-se a alegria e a gratidão pela ajuda libertadora e retomada de uma vida digna:

Eu quero agradecer à pastoral do migrante por me acolher e me ajudar no momento mais difícil da minha vida, com situação de rua e com problemas de saúde física e psicológica. Mas depois que eu fui acolhido com muito carinho, eu consegui uma moradia onde não faltam alimentação, roupas, apoio e encaminhamento para o posto de saúde, para atendimento psicológico, psiquiátrico e de assistência social. E também me ajudaram nas questões jurídicas... Eu como migrante agradeço a Deus e a todo o cuidado que a Pastoral teve comigo. Hoje eu sou uma pessoa melhor, crescendo e seguindo meu caminho com força, fé e foco. GRATIDÃO (Amor Bem Akascha – Tunísia. Acolhido em 2020 no Centro Inaciano da Juventude – Jesuítas).

Em novembro de 2020 a Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus, sob a coordenação de Frei Francisco Beloti, em audiência com Dom José Antônio Aparecido Tosi Marques, colocou à disposição uma casa, para um projeto que a Arquidiocese tivesse necessidade. A casa fica situada na Rua Tenente Marques, 131,

Bairro Presidente Kenedy (antigo Centro de Convivência Madre Regina). Dom José sugeriu que os Franciscanos dialogassem com a Pastoral dos Migrantes na pessoa de Irmã Idalina Pellegrini. O “*encontro dos carismas para o acolhimento*”, dos Franciscanos e do SPM e a disponibilidade da casa tornou possível o projeto da casa de acolhimento em funcionamento a partir de abril de 2021.

Para mim, ser acolhida na casa do migrante foi uma coisa maravilhosa. Vivi aí e fui atendida da melhor maneira e não tenho palavras como agradecer. A missão de vocês é vocação de Deus, para estar neste lugar e ajudar a estas pessoas como de levar no médico, como no meu caso que tive câncer. Quero melhorar minha vida, minha saúde para voltar a meus pais novamente. Tudo foi maravilhoso para mim. Tudo acontece na vida é para nos melhorar. Esse é um novo livro que escrevo em minha vida. Tenho muitas páginas para escrever e nunca terminarei de escrever o meu caderno. (L.M. Venezuelana, acolhida em abril 2021, na casa Maria Mãe dos Migrantes).

A casa recebeu o nome de Casa Maria Mãe dos Migrantes na Providência de Deus. O desenho feito por Irmã Elda Broilo, missionária Scalabriniana, traz a imagem de Maria com traços do rosto dos migrantes atendidos pela pastoral, latino-americanos, indígenas e de países africanos. A administração da casa será da Fraternidade de São Francisco em parceria com a Pastoral dos Migrantes da Arquidiocese de Fortaleza, SPM⁴ Regional e Nacional.

O objetivo da casa de acolhimento é garantir um espaço seguro e apropriado para migrantes e refugiados, oferecendo assistência para a integração. A capacidade é para 40 migrantes, porém optou-se para começar a experiência com um número de 20 pessoas, podendo permanecer ali por três meses. A referida casa conta com uma boa infraestrutura e alojamento completo: dormitórios separados entre alas feminina e masculina, banheiros, cozinha, lavanderia, uma sala de TV, uma sala de reuniões, além de área de convivência. A alimentação, material de higiene pessoal, roupas e remédios, são providenciados através de doações e projetos.

Na casa também funcionam: aulas de português, acompanhamento de assistentes sociais e apoio psicológico. A Casa conta com uma equipe de três funcionários sendo: uma coordenadora, um educador social, um bolsista no apoio, além de voluntários e pessoas de boa vontade.

⁴ Serviço Pastoral dos Migrantes, com sede em São Paulo.

Migrantes internacionais, em situação de vulnerabilidade, que chegam em Fortaleza são acolhidos e encaminhados para esta casa pela pastoral dos migrantes. No mês de abril foram acolhidas 5 famílias venezuelanas, sendo 10 adultos e 10 crianças.

Conclusão

O serviço humanitário no acolhimento e atendimento aos migrantes e refugiados é desafiador por si mesmo, por se tratar de uma diversidade cultural, situações complexas de vulnerabilidade, que demandam um trabalho articulado. A pandemia nos impulsionou a buscar saídas criativas e coletivas. Enquanto uns buscavam sua proteção individual ou como família, grupos vulneráveis como os migrantes e refugiados sem reserva financeira ficaram sem o básico como o alimento e a garantia da moradia e de outros direitos. Através das redes sociais foi possível uma conexão com a maioria das famílias acompanhadas para encontrar saídas e possibilidades. E qual foi o aprendizado que tivemos deste fato ocorrido mundialmente? Que lições tivemos para uma vivência como uma família universal e mais humana?

O maior perigo está no vírus que fragiliza e mata, ou no sistema capitalista que se articula com as elites em que só importa o lucro e não a vida, retirando direitos já conquistados? Quais são as consequências de um ambiente com uso de agrotóxicos sem políticas de controle, alimentação de baixa qualidade?

Os migrantes e refugiados, ao tomarem a decisão de sair de seu chão, denunciam um sistema de morte, que não lhes garante a dignidade humana. Além disso, enfrentam os perigos iminentes na travessia das fronteiras geográficas e ideológicas que encontram no caminho. O isolamento, o preconceito, a xenofobia são realidades que se defrontam a todo instante, só pelo fato de serem migrantes, terem outra cor, outra cultura, outro modo de viver.

As falas do Papa Francisco, dirigidas a todos os líderes do mundo, à sociedade nas diversas realidades, são uma convocação a uma fraternidade universal: “*um nós cada vez maior*”, “*fratelli tutti*”, “*amizade social*”, mas será que de fato estamos conseguindo viver isso com a nossa prática e atitudes em nosso cotidiano? Ainda temos um longo caminho a percorrer como Igreja e sociedade. A Doutrina Social da Igreja aponta o caminho para a vivência das Bem-aventuranças e o projeto de uma sociedade

onde todas as pessoas tenham vida em abundância. Cresce o número de pessoas sensíveis às causas dos migrantes e refugiados, instituições, universidades, que na pandemia e ainda hoje se aproximam da realidade e querem contribuir com projetos que façam a diferença.

O trabalho em Rede fortalece, dá maior visibilidade e é urgente que se faça na escuta e participação dos migrantes, que já deixaram muito pelo caminho e que têm capacidade de abrir novos caminhos e construir novas possibilidades de vida. Nas palavras de Ariano Suassuna, acreditar que o aqui e agora é o tempo para algo que está para vir a ser.